



Livro Reportagem: A fuga do superficial como categoria do Jornalismo Literário¹

Morgani GUZZO²
Níncia Cecília Ribas Borges TEIXEIRA³

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR

RESUMO

É notável a relevância que uma investigação tem em determinadas matérias. Apesar disso, é cada vez mais difícil perceber um foco diversificado nos diversos meios de comunicação em que estamos acostumados a lidar. A alternativa encontrada por alguns jornalistas à superficialidade das reportagens e ao estilo de escrita comum da pirâmide invertida foi o livro-reportagem. Com um enfoque diversificado, estrutura literária e investigação profunda, acontecimentos ganham caráter humano e criativo nas páginas do livro, tornando-se além de um documento jornalístico, uma obra literária. Trata-se do exercício mais livre do jornalismo literário.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Literário; Livro-reportagem; jornalismo; grande reportagem; jornalismo investigativo.

TEXTO DO TRABALHO

Introdução

A boa e velha reportagem está cada vez mais fadada a veicular apenas em revistas e em meios não convencionais. A investigação profunda e a narrativa diversificada ficam comprometidas pelo pequeno espaço destinado às publicações em jornais diários e no espaço de tempo reduzido à cobertura dos acontecimentos. Jornalistas preocupados com este fenômeno, que é cada vez mais comum, principalmente em se tratando da sociedade contemporânea em que o tempo destinado à informação é minimizado pela estrutura que move o mercado, buscam incansavelmente alternativas dentro do jornalismo tradicional.

Uma das alternativas encontradas foi o livro-reportagem. Desde o surgimento do *New Journalism* nos Estados Unidos, com Truman Capote, este veículo vem

¹ Trabalho apresentado no GT – Jornalismo e Editoração, do Iniciacom, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Estudante de Graduação do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UNICENTRO, e-mail: morgani.g@hotmail.com

³ Orientadora: Doutora em Letras – UNESP, Pós-Doutora em Ciência da Literatura UFRJ.



conquistando diversos escritores e jornalistas por possibilitar um enfoque mais humanizado, mais profundo e com uma narrativa similar à encontrada nos livros literários. Durante anos, os autores pesquisam um acontecimento, colhendo dados, entrevistas e observando o local para no final, conseguir uma obra que abrange todo o contexto que fora deixado de lado pelos periódicos da época do fato. Tanto trabalho e dedicação resultam em uma obra que pode ser considerada literatura e jornalismo, ou mais especificamente, Jornalismo Literário.

A Fuga da Superficialidade

Uma das maiores dificuldades dos jornalistas nas redações é cobrir um acontecimento e dar a profundidade merecida na investigação. Nos meios de comunicação convencionais a matéria geralmente possui um enfoque superficial, ora pelo pouco tempo e espaço que o jornalista possui para publicá-la, ora pelo simples comodismo apresentados por alguns jornalistas.

Uma questão constante em torno da superficialidade cada vez maior nos jornais é a hipótese de que ele pode entrar em extinção. Além da pobre investigação de muitos jornais diários, a estrutura básica da pirâmide invertida também chega a ser um aspecto que causa desinteresse por parte de alguns leitores.

Alguns jornalistas, preocupados com o fato do jornalismo diário se tornar mera informação factual, sem se importar com a historicidade que o acontecimento traz consigo e as conseqüências na sociedade, buscam alternativas dentro de seu campo de estudo para evitar que o jornalismo caia na mesmice. Aproveitando recursos literários nas narrativas, os jornalistas fazem um trabalho árduo de investigação em torno do acontecimento, e conseguem transformar uma nota de jornal em uma grande reportagem, com enfoque humano, criativo e especialmente intenso.

O Jornalismo Literário, também chamado de Literatura de Não-Ficção, *New Journalism*, Literatura Criativa de Não-Ficção, Literatura da Realidade, entre outras denominações, é um tipo de jornalismo em que a leveza, a liberdade de angulação e de escrita da literatura se faz presente como nos romances fictícios. O repórter é inserido na realidade em que vive à procura de uma visão mais aguçada, profunda e precisa dos acontecimentos ou do acontecimento que vai relatar.

Por meio de uma voz autoral e de estilo, o jornalista ou escritor desenvolve os fatos, desmembrando completamente a realidade contextual. O faz através de uma



pesquisa minuciosa, de uma observação precisa e de um *feeling*, uma capacidade intuitiva, que o leva às mais preciosas descobertas para o desenvolvimento de sua reportagem.

O Jornalismo Literário abre as portas às ferramentas que permitem ao repórter captar a realidade com maior profundidade, sem deixar de lado a apuração ética e criteriosa utilizada na cobertura cotidiana. Narra utilizando técnicas emprestadas da literatura e mostra ao leitor um texto interessante, atraente, criativo e humanizado, que acentua sua curiosidade e sai da rotina das matérias submetidas ao lead. Como sugere Denise Casatti,

É um tipo de jornalismo em que, basicamente, leva-se em consideração a imersão do repórter na realidade, a precisão de dados e observações, a busca do ser humano por trás do que se deseja relatar e a elaboração de um texto (para jornal, revista, internet, televisão ou cinema) que permita que a história venha à tona por meio de uma voz autoral e de um estilo. (Denise Casatti. Disponível em: <[http:// www.textovivo.com.br/denise.htm#info](http://www.textovivo.com.br/denise.htm#info)> Acesso em 28 de outubro de 2007).

Uma polêmica gerada em torno dessa nova forma de informar está em torno das dificuldades encontradas pelos jornalistas para que possam aderi-la: o espaço destinado à cada matéria, as atribuições que os jornalistas vivem diariamente em busca do que noticiar e a dificuldade de cativar leitores. A polêmica é que, não é consenso que tais dificuldades impedem o desenvolvimento de um jornalismo mais aprofundado e menos vago. Uma hipótese para que as tais “dificuldades” sejam empecilhos é a comodidade de muitos jornalistas em continuar praticando a estrutura básica da pirâmide invertida por lhes ser mais conveniente. Outra hipótese é a de que há uma subestimação na capacidade de leitura dos receptores quanto à narrativa. Em entrevista concedida ao site Observatório de Imprensa em 2006, Sérgio Vilas Boas destaca a questão

O lead foi inventado para facilitar a vida de quem faz jornalismo, ou seja, para facilitar a vida dos jornalistas. Não foi para facilitar a vida de quem "consome" jornalismo, ou seja, os leitores. Há uma incrível hipocrisia em torno disso. Faz-se uma coisa e diz-se outra. Até porque o jornalismo, evidentemente, não é só "boletim sobre o que aconteceu horas ou minutos atrás". O jornalismo é feito de muitos outros conteúdos não-noticiosos. A maior contribuição que o jornalismo literário pode dar, de imediato, é com as reportagens especiais (mas não estou me referindo a "notícias alongadas para publicar no fim de semana" nem a "artigos escritos por especialistas estrangeiros traduzidos para o português"). Estou me referindo a



reportagens narrativas, autorais, transparentes, algo que valha a pena guardar pelo conteúdo aprofundado, pela forma artística e pela postura de compartilhamento por parte do repórter-autor. (Paulo Lima. Disponível em <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=371AZL004>> Acesso em 14 de dezembro de 2007).

Apesar de o Jornalismo Literário ter sido pouco praticado em periódicos ou veículos de massa, há aqueles cativos da nova escrita jornalística. Alguns jornalistas mais criativos já encontram métodos para que seu texto perca a efemeridade da notícia diária e ganhe em beleza estrutural.

O principal veículo onde se desenvolveu o Jornalismo Literário é o livro-reportagem (ou romance de não-ficção). Este, apesar de não se tratar de um veículo de massa, garante uma profundidade nunca antes conseguida em jornais diários ou até mesmo em revistas de reportagens. O livro-reportagem garante um aprofundamento da notícia, com abordagens diferentes, originais, criativas e menos urgentes.

Segundo Edvaldo Pereira Lima:

O livro-reportagem é parte do mundo do jornalismo, mas possui sua própria autonomia, que exatamente lhe possibilita experimentações impraticáveis nas redações dos veículos periódicos. Por isso, penetra num território novo, podendo transcender o jornalismo – pelo menos na sua concepção conservadora -, gerar um novo campo, que os norte americanos já denominam literatura da realidade. (LIMA, 2004, p.14)

E mais,

de um lado, amplia o trabalho da imprensa cotidiana, como que concedendo uma espécie de sobrevivência aos temas tratados pelos jornais, pelas revistas, emissoras de rádio e televisão. De outro, penetra em campos desprezados ou superficialmente tratados pelos veículos jornalísticos periódicos, recuperando para o leitor a gratificante aventura da viagem pelo conhecimento da contemporaneidade. (LIMA, 1998, p.7)

A fronteira que separa o jornalismo da literatura torna-se, na expressão do livro-reportagem, cada vez mais difusa. O livro-reportagem desenvolve a história como um romance ficcional, mas garantindo a veracidade de cada acontecimento através de entrevistas, observação constante e duradoura e muita pesquisa sobre o que está tratando. Ao romper com as correntes do lead, o livro-reportagem é uma alternativa à estrutura amarrada das redações. Através de muita pesquisa e maior aprofundamento do



acontecimento, permite ao jornalista mostrar uma visão mais ampla da realidade cotidiana.

Há uma fronteira entre o ficcional e o jornalístico, mas esta parece (apenas parece) desaparecer quando o leitor se depara com o texto. Essa técnica dá ao leitor uma curiosidade como aquela gerada ao ler *best-sellers* e permite que seu interesse e conhecimento sejam constantes ao longo da leitura.

Apesar de toda a liberdade que o jornalista ganha ao se propor escrever um livro-reportagem, este não se pode permitir que a imaginação tome conta do relato. Por se tratar ainda de um veículo jornalístico, o livro-reportagem tem que estar condizente com a veracidade dos fatos. Tanto em relação às entrevistas quanto à observação, o repórter deve tomar o cuidado para que a verdade seja o principal ingrediente presente no seu relato, já que, como Lima ilustra,

Os recursos técnicos com que essa função é desempenhada provêm do jornalismo. E o profissional que escreve o livro-reportagem é, quase sempre, um jornalista. Isto é, um comunicador social formado sob a concepção da prática de uma atividade específica de comunicação. Por conseguinte, a realidade essencial do livro-reportagem é determinada a partir das características e dos princípios que regem o jornalismo como um todo. (LIMA, 2004, p10-11)

Manuel Ángel Vázquez Medel, na coletânea organizada por Gustavo de Castro e Alex Galeno, encontrou uma grande diferença na relação entre o jornalismo e a literatura. Segundo Medel

As relações entre criação literária e exercício jornalístico têm sido problemáticas desde seus inícios. Parece que aquela, sem abandonar a dimensão lúdica e fruitiva, deve encaminhar-se para *o essencial humano*, bem que encarnado nas inevitáveis coordenadas espaço-temporais que nos constituem. A atividade informativa, ao contrário, aponta mais para o efêmero, passageiro e *circunstancial* (e sabemos até que ponto a vertigem informativa devora a estabilidade e permanência dos acontecimentos). Simplificando muito, parece que a literatura orienta para o *importante* e a informação jornalística para o *urgente*. (CASTRO & GALENO, 2002, p. 18)

A visão de Medel envolve basicamente a relação entre o jornalismo diário e a literatura. Como alternativa a essa urgência citada pelo autor, encontra-se o livro-reportagem. Paraphraseando Manuel Rivas, em seu artigo *El periodismo ES un cuento* (Madrid, Alfaguara, 1998), quando bem feita, a união da literatura e do jornalismo em



um processo de investigação e acompanhamento permite descobrir a “*outra verdade*”, o “*lado oculto*” de um acontecimento.

As narrações literárias enriquecem, ilustram e fortalecem o texto do livro-reportagem. O jornalista utiliza toda a sua experiência em investigar, entrevistar e descobrir fatos, para redigir um texto onde as suas capacidades criativa e artística são fatores essenciais para seu sucesso. “Esse veículo [livro-reportagem] renova e dinamiza, principalmente quando trabalha, com todo o seu arsenal de possibilidades, a grande reportagem.” (LIMA, p.8, 1998).

As grandes demonstrações de Jornalismo Literário surgiram nas revistas culturais do século XVIII e século XIX. A influência de Charles Dickens (1812-1870) e Honoré de Balzac (1799-1850) tanto na literatura do século XVIII, quanto no jornalismo posterior marcou a relação entre o jornalismo e a literatura. Muitos romancistas buscaram nos jornais inspiração para escreverem suas obras e tornarem-se mais reais e ricas, como por exemplo: Mark Twain (1835-1910), Fiodor Dostoievski (1821-1881), Léon Tolstoi (1828-1910) e Ernest Hemingway (1899-1961).

Desde o início do século XX, o livro-reportagem tornou-se um veículo para muitos jornalistas. Nos EUA, John Reed escreveu em 1914 *México Rebelde*, que relatava a guerra civil do México. Nos anos 60 e 70, surgiu um movimento ocorrido nos Estados Unidos, conhecido como New Journalism – considerado por alguns teóricos sinônimo de jornalismo literário. Seus grandes autores representantes foram: Tom Wolfe, Gay Talese, Norman Mailer, Truman Capote, Joseph Mitchell, entre outros. Truman Capote (1924-1984) foi um jornalista da *New Yorker* que, ao ler sobre um cruel assassinato no *The New York Times*, decidiu explorá-lo a fundo. Na cidade do crime, no Kansas, escreveu *A Sangue Frio*, considerado a obra-prima que fundou o livro-reportagem.

A relação entre o jornalismo e a literatura surge primeiramente na linguagem. O estilo da escrita de muitos dos periódicos brasileiros, até a segunda metade do século XX, valorizavam uma forma mais livre e opinativa, destacando a crônica e o artigo. Os jornais também funcionavam como meio de divulgação dos trabalhos de muitos escritores. Em forma de folhetim, a obra era publicada nos periódicos em capítulos, despertando o interesse dos leitores em comprar o jornal para acompanhar a história e manter suas vendas.

Durante muito tempo no Brasil, o jornalismo foi confundido com a literatura, considerado um subproduto da mesma. Era comum escritores escreverem para jornais



diários e jornalistas em algum momento de sua vida, publicarem alguma obra de ficção. O jornalismo literário teve certo desenvolvimento nos anos 60 e 70, com a revista Realidade e o Jornal da Tarde paulista. A revista Realidade é o melhor exemplo de jornalismo literário conhecido até hoje no Brasil. O livro Os Sertões de Euclides da Cunha, que relata a campanha de Canudos, ganhou grande destaque e tornou-se um clássico do jornalismo literário no Brasil.

Segundo Lima 2004, “o livro-reportagem, agora, como no passado, é muitas vezes fruto da inquietude do jornalista que tem algo a dizer, com profundidade, e não encontra espaço para fazê-lo no seu âmbito regular de trabalho, na imprensa cotidiana”. O trabalho desenvolvido pelo jornalista no livro-reportagem ainda que não atinja toda a massa populacional, é um veículo de comunicação jornalística muito conhecido nos meios editoriais do mundo ocidental. Presta informação ampliada e ganha cada vez mais espaço para ser desenvolvido.

A narrativa comum do livro-reportagem é aquela em que combina descrição, diálogos e em muitos casos até a participação do autor na narração. A descrição dos locais e dos acontecimentos secundários se faz como se o autor estivesse presente no momento em que se deu o fato, trata-se do narrador oculto, caracterizado pela 3ª pessoa. Essa ferramenta comum em qualquer relato, tem no livro-reportagem o momento de ficção que é permitido.

No livro A Sangue Frio, de Truman Capote, a narrativa segue os padrões dos livros literários, em 3ª pessoa, narrador oculto:

Numa estrada do Arizona, uma caravana de dois carros atravessa voando o povoado de Sagebrush – um planalto escarpado, abrigo de gaviões e cascavéis e imensas pedras vermelhas. Dewel dirige o carro da frente, Perry Smith sentado ao seu lado, Duntz no banco traseiro. Smith algemado – as algemas presas ao cinto de segurança por uma pequena corrente, um arranjo que restringe tanto seus movimentos que sem auxílio não consegue nem fumar. (CAPOTE, 1980, p. 276)

Há mudanças, por exemplo, no livro de Philip Gourevitch Gostaríamos de Informá-lo de que Amanhã Seremos Mortos com Nossas Famílias, também considerado livro-reportagem, onde o narrador é personagem. A participação do autor na narração acontece por meio do “eu” como testemunha ou do “eu” como próprio personagem da história narrada. De alguma forma o jornalista ou o escritor é colocado na história por ele próprio, contando sua forma de investigar, entrevistar e abordar.



Uma vez perguntei a ele se gostava de combater. “Oh, sim”, respondeu, “eu estava muito irritado. Estava com muita raiva. E vou lutar de novo se tiver motivo. Não tenho nenhum problema quanto a isso.” Ele certamente era bom naquilo. (GOUREVITCH, 2000, p. 256).

No caso de Gourevitch, é narrado em 1º pessoa a conversa entre o jornalista e a testemunha. Outro exemplo de narrador personagem aparece no livro *Rota 66* de Caco Barcellos. Neste caso o jornalista narra exatamente o que viveu e presenciou, como jornalista, na investigação do caso. “Tentei entrevistar o sargento Roberto Lopes Martínez no presídio dos policiais militares. Cheguei a ser autorizado pelo juiz da Auditoria Militar, desde que Martínez concordasse. Mas o sargento se negou a conversar comigo” (BARCELLOS, 2006, p. 222).

A liberdade narrativa que permite o livro-reportagem é um aspecto que causa grande interesse no leitor. Além da profunda investigação, trata-se de um relato atraente e criativo, que como a grande literatura, cativa o leitor do início ao fim. Trata-se de um jornalismo em que o fato é descrito com todos os seus detalhes de forma mais artística e surpreendente.

Conclusão

A estrutura fechada das redações e a superficialidade com que são publicadas matérias de grande interesse humano leva muitos jornalistas a procurarem refúgio no livro-reportagem. Com uma visão mais ampla do acontecimento, investigação profunda e narrativas alternativas, o jornalista possui mais liberdade de tempo e escrita para cobrir fatos que de alguma forma não tiveram a cobertura merecida pela imprensa cotidiana. A construção de uma obra em que a literatura e o jornalismo investigativo estão intrinsecamente ligados é tarefa de jornalistas dispostos a fugir da fugacidade dos acontecimentos, dando a eles uma dimensão histórica e artística. Tal processo, por árduo que seja, atrai cada vez mais jornalistas e cativa um número cada vez maior de leitores.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Caco. **Rota 66: A História da Polícia que Mata**. 8ªed. Rio de Janeiro: Record, 2006.



CAPOTE, Truman. **A Sangue Frio**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

CASATTI, Denise. **Texto Vivo**, 2006. Disponível em: <<http://www.textovivo.com.br/denise.htm#info>>. Acesso em 28 de outubro de 2007.

GALENO, Alex & CASTRO, Gustavo de. **Jornalismo e Literatura: A Sedução da Palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

GOUREVITCH, Philip. **Gostaríamos de informá-lo de que amanhã seremos mortos com nossas famílias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LIMA, Alceu Amoroso. **Jornalismo como gênero literário**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1969.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é Livro-Reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri, SP: Manole, 2004.

LIMA, Paulo. Observatório da Imprensa, 2006. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=371AZL004>>. Acesso em 14 de dezembro de 2007.

RIVAS, Manuel. **El periodismo ES un cuento**. Madrid: Alfaguara, 1998.